

## RELATORIA: 30º Encontro Técnico AESABESP

PAINEL		<b>Saúde – Reflexos do Saneamento e Poluentes Ambientais (O que os dados epidemiológicos nos revelam?)</b>			Nº	P4
DATA	17/09/2019	HORÁRIO	17h00 às 18h00	LOCAL	Palco 4	
EMENTA						
<p>Discutir à luz dos estudos epidemiológicos existentes, com representantes de instituições técnicas da saúde e do setor de saneamento, como utilizar a metodologia e como incorporar o fator saúde às avaliações de acesso a estruturas sanitárias no Brasil, através da estimativa da Carga Global de Doença atribuível a estruturas sanitárias insuficientes no país.</p>						
COORDENADORA	Sonia Nogueira					
FUNÇÃO	Engenheira	INSTITUIÇÃO	AESabesp			
ABERTURA (contextualização do tema)						
<p>A Coordenadora Sonia Nogueira abriu o painel falando da importância do tema no tocante à segurança alimentar, um dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Após uma breve descrição dos vastos currículos das Dras. Fátima Marinho e Telma Nery, a palavra foi passada às palestrantes.</p>						
PALESTRANTE 1	Fátima Marinho					
FUNÇÃO	Médica, Professora e Pesquisadora	INSTITUIÇÃO	Instituto de Estudos Avançados – IEA/USP, Univ.M.Gerais e de Melbourne			
<p>Dra. Fátima iniciou sua apresentação relacionando a falta de saneamento com o aumento de doenças. Citou sobre um saneamento inadequado, com ausência de coleta e tratamento de esgoto sanitário, ausência ou intermitência no abastecimento de água e deficiência na coleta de resíduos, tendo como consequências a criação e disseminação de vetores e patógenos e a contaminação de água, solo e alimentos. Também apresentou dados referentes aos custos da saúde devido à falta de saneamento. Em 2017, foram gastos R\$ 98,4 milhões com internações hospitalares e atendimentos ambulatoriais no SUS de pacientes com doenças atribuídas à falta de saneamento básico. Ainda citou que, para cada dólar investido em água e saneamento, são economizados 4,3 dólares em custos de saúde.</p> <p>A palestrante ressaltou que 100% de saneamento é uma tendência de universalização, entretanto não significa que todas as pessoas são atendidas, pois mesmo com 100% existem comunidades sem acesso a saneamento. Além disso, apresentou um mapa registrando que ainda existem muitas localidades que não atingiram 100%. No mapa, é mostrada a relação de áreas mais populosas com baixa cobertura de abastecimento de água, referindo-se às Regiões Sul e Sudeste como mais populosas e com cobertura bem inferior.</p> <p>Voltando à temática das doenças, relatou que os principais grupos de doenças causadas pela falta de saneamento são as diarreicas, as infecções respiratórias (como pneumonias) e as transmitidas por vetores. Um exemplo deste último grupo é a reemergência da dengue (que havia sido erradicada na década de 2000 e hoje voltou, em variantes mais nocivas e seu vetor, o mosquito <i>Aedes Aegypti</i>, que antes só se reproduzia em águas limpas, agora se adaptou à água suja), da malária no Amazonas e de novos arbovírus no Rio de Janeiro. Citou que o aumento da cobertura com saneamento tem alterado o perfil dessas doenças no Brasil, ou seja, em 26 anos houve uma queda de mais de 80% no número de casos de doenças diarreicas. Neste mesmo período, o número de mortes de crianças com menos de 5 anos reduziu em 96%. Também houve um aumento de 6,6 anos na expectativa de vida do brasileiro. Porém, com a diminuição destas doenças, verifica-se o aumento das doenças crônicas.</p> <p>Por fim, Dra. Fátima apresentou o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável – ODS – nº 6: Água Potável e Saneamento – Assegurar a Disponibilidade e Gestão Sustentável da Água e Saneamento para todas e todos. Tendo esse ODS como meta geral, dentre outras mais específicas para serem cumpridas até 2030, a palestrante se mostrou preocupada quanto a sua realização, entendendo que maiores esforços serão necessários para o cumprimento das metas, dentre eles a problemática do lixo em ambiente urbano, acúmulo de água em grandes cidades, e água contaminada com esgoto.</p>						
PALESTRANTE 2	Telma de Cassia dos S. Nery					
FUNÇÃO	Médica Sanitarista e Pesquisadora	INSTITUIÇÃO	Sabesp, ISEE e INCOR			
<p>Dra. Telma iniciou sua fala apontando para a necessidade de dados sobre saúde ambiental. Ela citou como exemplo a Conferência da Sociedade Internacional sobre Epidemiologia Ambiental (<i>International Society for Environmental Epidemiology - ISEE</i>), realizada em 2019, na qual foram apresentaram 2500 trabalhos sobre o tema. O Capítulo Latino Americano da ISEE realizou um inventário entre todos os participantes dos países da América Latina, cujas áreas de trabalho mais reportadas foram: contaminação atmosférica, metais pesados, pesticidas, disruptores endócrinos, mudanças climáticas e contaminação da água. Dentre as principais descobertas: 90% das pessoas respiram ar poluído em todo o mundo e nas cidades europeias de alta renda a poluição do ar reduz a expectativa de vida entre 2 a 24 meses. Outros dados impactantes como: 25% dos problemas de saúde estão relacionados aos impactos ambientais; 1,7 milhões de crianças com menos de 5 anos morrem por problemas relacionados ao meio ambiente, em sua maioria por problemas respiratórios; além das crianças com essa idade, as pessoas com mais de 50</p>						

anos são os mais impactados pelas alterações ambientais; em 2019, a poluição do ar foi considerada pela Organização Mundial da Saúde - OMS como o maior risco ambiental para a saúde, sendo causa também de doenças como câncer, AVC e cardiológicas. Segundo a OMS, o índice anual ideal de Material Particulado (PM<sub>2.5</sub>) no ar é de 10 µg/m<sup>3</sup>, entretanto várias cidades brasileiras superam esse índice, como Santa Gertrudes, que atinge 44 µg/m<sup>3</sup> devido à indústria cerâmica. Como coordenadora do Fórum Paulista de Combate aos Impactos dos Agrotóxicos e Transgênicos, Dra. Telma mencionou os impactos dessas substâncias. Disse que desde 2008 o Brasil é o país que mais comercializa agrotóxicos, tendo sido liberados 290 novos só em 2019. Em 2,5 horas ocorre uma morte por intoxicação com agrotóxicos. Segundo a Anvisa, 58% dos alimentos estão contaminados com agrotóxicos, sendo que 30% dos agrotóxicos utilizados no Brasil já foram banidos na União Europeia. Muitos suicídios são realizados com o uso de agrotóxicos, que já foram encontrados também no leite materno, e podem causar também leucemia em crianças e tumores no fígado. Frisou que, para cada US\$ 1 gasto na compra de agrotóxicos, são necessários US\$ 1,28 para custos externos com tratamento de saúde. Por fim, a palestrante apresentou um caso bem sucedido de política pública em Toronto, no Canadá. Os peixes de um lago que havia sido despoluído ainda apresentavam contaminação. Foram então instaladas placas de aviso que informavam a quantidade segura de cada espécie de peixe que poderia ser ingerida, sem causar danos à saúde.

#### PARTICIPAÇÃO DO PÚBLICO (Questões abordadas)

Pergunta 1: Os agrotóxicos estão presentes em boa parte de nossos alimentos, então o que vamos comer? Já existem algumas soluções que estão sendo adotadas. O que as doutoras pensam a respeito das hortas comunitárias? Também há peixes contaminados com bactérias, frango contaminado com antibiótico - só vamos nos alimentar de folhas?

Resposta: Do ponto de vista biológico, essas moléculas inorgânicas presentes em nossos alimentos se ligam às moléculas orgânicas. As empresas dizem que em teoria o nível de exposição não causa doenças, porém o problema é o longo tempo de exposição a várias substâncias inorgânicas, provocando as mudanças em nosso código genético e o corpo não consegue reconstruir todo o dano, aparecendo doenças como o câncer. Quanto à exposição ao antibiótico presente no frango, esse é um problema que está causando a resistência das bactérias ao antibiótico, sendo então necessário desenvolver melhores antibióticos, senão começaremos a morrer por doenças infecciosas.

Pergunta 2: Recentemente houve uma reclassificação de alguns agrotóxicos usados no país, que diminuiu o grau de toxicidade destes. O governo defende que se tratou apenas de uma adequação a outros sistemas de classificação internacionais. Essa justificativa é real, ou estamos tratando substâncias altamente tóxicas com menos rigor?

Resposta: É importante deixar claro que estamos vivendo um momento político diferenciado no Brasil, no qual várias mudanças estão sendo feitas. O Brasil está vivendo um *boom* do agronegócio. Ao meu ver essa reclassificação não era necessária, seu objetivo foi minimizar o impacto dos agrotóxicos, mas eles continuam sendo extremamente tóxicos e isso não atende nenhuma classificação internacional. Nos próximos anos os efeitos dessa reclassificação serão sentidos, pois ao vê-los como menos tóxicos, os usuários irão alterar sua forma de consumo.

Pergunta 3: O que as doutoras podem dizer sobre as hortas orgânicas?

Resposta: Os alimentos orgânicos ainda são caros, mas as pessoas que querem se alimentar de forma mais saudável acabam pagando. Para que esse tipo de alimentação se popularize, seu acesso deve ser ampliado. Uma boa opção também são as hortas hidropônicas, cultivadas em estufas, com luzes, evitando assim a ação de agentes externos.

#### FECHAMENTO (Conclusões)

A coordenadora Sonia Nogueira fechou o painel externando sua grande preocupação em relação à nossa alimentação. Disse que já foi comprovado que os alimentos processados estão causando problemas como obesidade e desnutrição; que esses problemas aliados às mudanças climáticas já foram classificados como Sindemia Global; e que esses problemas são em função da alimentação. Falou que a indústria alimentícia não está permitindo que alimentos sejam rotulados com identificação de quantidade de produtos, como açúcar, sódio e outros, que estão provocando diabetes, hipertensão etc. Concluiu ressaltando que devemos nos preocupar com nossa alimentação e com a das próximas gerações.

RELATORA 1 | Patrícia Barbosa Taliberti

PROFISSÃO | Química | INSTITUIÇÃO | Sabesp

RELATOR 2 | Mateus Gonçalves Michelin

PROFISSÃO | Engenheiro Civil | INSTITUIÇÃO | Sabesp